

• A CASA • • DO JOÃO •



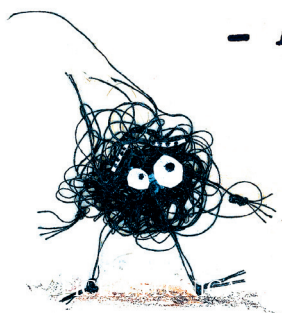
REVISTA DE LITERATURA
INFANTIL E JUVENIL

ABRIL 2018

03

FICHA TÉCNICA

- Ai é!?

**Diretor**

João Manuel Ribeiro

Diretor-adjunto

Andreia Abreu

Chefe de Redação

J. José Olim

Design e Paginação

Bolota / Patrícia Alves

Colaboradores

Carmen Zita Ferreira

Fedra Santos

Francisco Laranjeira

Lúcia Barros

Maria da Conceição Vicente

Paulo Freixinho

João Vaz de Carvalho

Redação

Lg. Eng. António de Almeida, 30

3.º andar – Sala DD3

4100-065 Porto

Propriedade e Edição

Tropelias & Companhia -

Associação Cultural

Rua António Bessa Leite, 1516 C,

3.º Dto / 4150-074 Porto

Contribuinte 508828325

N.º Registo ERC 127032

N.º ISSN 2184-1233

Depósito Legal 433086/17**Tiragem** 500 exemplares**Periodicidade** Trimestral**Impressão**

GVP - Gráfica Vilar do Pinheiro

Rua Castanhal, 2

4485-842 Vilar de Pinheiro

Estatuto Editorial<http://joamanuelribeiro.pt/revista/>

9 772184 123004 >

02 EDITORIAL

Parceria com a Pais...

uma parceria feliz!

04 UM CONTO POR DIA DÁ
SAÚDE E ALEGRIA!

João, o valentão

Texto inédito de Clara Cunha

06 FALÁMOS COM

Entrevista a Clara Cunha

14 FOMOS VER

Entrevista a Paulo Galindro

24 OS NOSSOS PARCEIROS

Germana Tânger

Presidente honorária do CCA

26 UAU!

A Poesia Concreta Portuguesa
para a Infância e juventude34 LEMOS, GOSTÁMOS E...
RECOMENDAMOS!

36 APROVEITA E EXPLORA

Dicas de escrita

Como nascem as personagens?

40 A PALAVRA É TUA

Pequenos grandes escritores

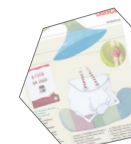
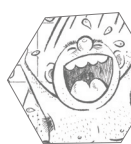
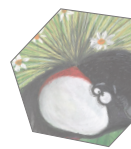
42 PARTICIPA NISTO

Passatempo

43 PARA BRINCALHARES

46 SAIU NA IMPRENSA

48 NOTÍCIAS





EDITORIAL

Parceria com a Pais... ... uma parceria feliz!

OLÁ, PEQUENOS E GRANDES LEITORES.

Bem-vindos ao n.º 3 de *A Casa do João*.

1. Desta vez, abrimos as portas da nossa casa a dois autores, uma escritora e um ilustrador, que se tornaram uma referência na literatura infantil e juvenil por causa do livro que escreveram: *O Cuquedo*, que conta com 10 edições e mais de 30 mil exemplares vendidos. Estamos a falar da **Clara Cunha** e do **Paulo Galindo**. *O Cuquedo*, agora com um novo livro (a saga e o êxito continuam!), é o pretexto para a conversa. **Falámos com** a escritora que, solta a criança que há em si, e por isso, além de *O Cuquedo*, já publicou outros títulos (os seus meninos) com outras temáticas, e **fomos ver** o ilustrador, que, acalentando o desejo de ser astronauta, ilustrou uma pilha de livros e nos fala sobre o que é necessário para ser (um bom) ilustrador. Vale a pena ouvi-los e vê-los... Verão que sim!





2. **Uau...** Apresentamos-te ainda um texto para que possas ser poeta ou concretizar poesia, porque, como escreve Ana Haterly,

«o poema é
para ver-se
ler-se
(às vezes ouvir-se)

mas
sobretudo
adivinhar-se».

(*O Cisne Intacto*, 1983),

Isto quer dizer que a poesia, além das palavras, também se faz com desenhos, sons, imagens e materiais que te possam fazer sonhar, desafiando todos os teus sentidos e não só a «vista» e o «ouvido». Esta «forma» de poesia encontra as suas raízes em tempos longínquos e é/pode ser hoje uma forma muito interessante e muito criativa de pensar, de ver e de te aproximares à realidade. Deixamos exemplos de alguns poetas, como Mário Castrim, Francisco Duarte Mangas e João Pedro Mésseder e Teresa Guedes, que cultivaram, em alguns dos seus livros, este género de texto, para que te sintas desafiado a «fazer» este tipo de poesia e te divirtas... Sê (um poeta) concreto...

3. *A Casa do João* é, como já sabes, um espaço livre e gratuito, aberto a partilhas e parcerias. Uma delas, que muito nos honra e nos responsabiliza, é a parceria com a revista **PAIS – Educar, Cuidar, Brincar**, com quem partilhamos as entrevistas (e não só) a escritores e ilustradores que formos publicando. Uma revista como a **Pais**, que tem como missão ajudar pais (e não só) nos cuidados e na educação das crianças e cujos conteúdos são criados por especialistas qualificados e a informação é rigorosa e acessível e em que o entretenimento e o lazer em família são entendidos como uma forma de estimular o desenvolvimento da criança e o fortalecimento dos laços parentais, manifesta de sobremaneira como *A Casa do João* faz sentido e é necessária. Estamos certos de que esta é uma parceria feliz!

pais
Educar . Cuidar . Brincar

4. O n.º 4 de *A Casa do João* será especial – será um especial férias. Convidamos escritores e ilustradores para se apresentarem e falarem de si, escolherem algum dos seus livros e nós, a partir do que disseram e do livro que escolheram, propomos-te muitos passatempos para *brincalhares*, ou seja, pintares, fazeres palavras cruzadas, sopas de letras, entre outras atividades. Ah! E falaremos de brinquedos, os de antigamente, os de ontem e os de agora, porque brincar é bom e divertido. Até lá!

Um abraço amigo do

João Manuel Ribeiro



UM CONTO POR DIA DÁ SAÚDE E ALEGRIA!

TEXTO INÉDITO

JOÃO, O VALENTÃO

Alguns meninos sentem medo do escuro.

João diz que não!

Pergunta a mãe, que está a ver na televisão um programa sobre os medos das crianças:

- João, tu tens medo do escuro?

Responde o João:

- Eu cá sou João, o valentão

e do escuro não tenho medo, não!

Pergunta o pai, que está a ler um livro que fala sobre o medo:

- João, tu tens medo do escuro?

Responde o João:

- Eu cá sou João, o valentão

e do escuro não tenho medo, não!

Pergunta a educadora, que quer fazer um projeto com os meninos sobre os seus medos:

- João, tu tens medo do escuro?

Responde o João:

- Eu cá sou João, o valentão

e do escuro não tenho medo, não!

Mas quando chega a noite,
e o quarto fica escuro...

João repete para si mesmo:

- Eu cá sou João, o valentão
e do escuro não tenho medo, não!

Mas o negro do escuro
é muito marotão,
toca na nossa imaginação.

João, repete para si mesmo:

- Eu cá sou João, o valentão,
e do escuro não tenho medo, não!

Mas inevitavelmente,
na sua cabecinha coberta de caracóis,
já vagueiam monstros e dragões.
João, fecha os olhos com força
e na sua mão, aperta os lençóis.
João repete para si mesmo:
- Eu cá, sou João, o valentão,
e do escuro não tenho medo, não!

Não quer chamar a mãe, porque só os bebés têm medo do escuro, pensa!

Qualquer barulho, parece-lhe ensurdecador.

João não vai aguentar mais dentro de si o medo que tem do escuro, e grita:

- Mãe, tenho medo!

Num instante a mãe aparece e abraça-o com amor.

- João, já estou aqui, queres contar-me o que se passa?

- Tenho medo de monstros e dragões, e também dos sons que ouço no escuro.

- Tens medo do escuro? – pergunta a mãe.

- Eu não sou um bebé!

Sou João, o valentão,

e do escuro não tenho medo, não!

- Não são apenas os bebés que têm medo do escuro! Sabes guardar um segredo?

- Sim, mãe!

- De vez em quando, também tenho medo do escuro! – confessa a mãe.

- A sério!?

- O escuro dá asas à nossa imaginação, como não vemos o que lá está, imaginamos, inventamos, monstros e dragões e naturalmente, sentimos medo.

- Mãe, sabes guardar um segredo?

- Sim, João!

- Sou João, por vezes valentão,

mas, já não digo, que do escuro, não tenho medo não!





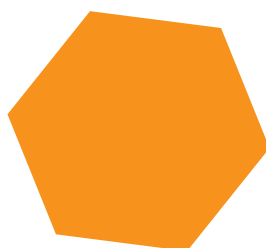
FALÁMOS
COM...

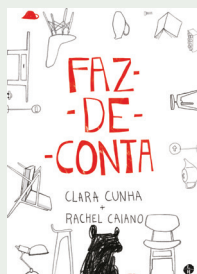
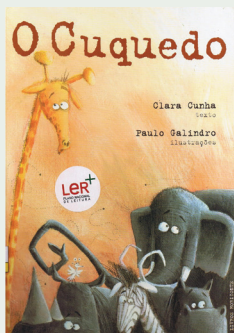
CLARA CUNHA

entrevista

QUANDO ESCREVO, TENHO QUE SOLTAR AMARRAS, OBRIGO-ME A DIZER DISPARATES E A RIR-ME DELES. POR VEZES CUSTA-ME ENTRAR, MAS DEPOIS DE LÁ ESTAR DENTRO... NÃO HÁ LIMITES, É SÓ VIAJAR!

Clara Cunha nasceu em 1971, na cidade de Almada, licenciou-se em Educação de Infância pela Escola Superior de Educação Jean Piaget. Autora do livro *O Cuquedo*, que conta com 10 edições e mais de 30 000 exemplares vendidos, de *Feliz Natal Lobo Mau*, em que a sua imaginação leva-nos mais longe, ao mundo fantástico dos contos tradicionais e das figuras lendárias, e de *Faz-de-conta*, uma homenagem à imaginação e à brincadeira sem limites.





Quem encontra quem? A Clara a escrita ou a escrita é que a encontra a si?

Acho que nos encontrámos mutuamente. Em criança era fascinada por livros e tinha a sorte de ter uma biblioteca mesmo no prédio onde vivia, abria duas vezes durante a semana, às cinco da tarde e ao sábado de manhã. Não tinha muitos livros comparativamente às bibliotecas de hoje, mas para nós era um oásis.

Mais tarde, já na faculdade, tive um reencontro agradável com a literatura infantil num dos módulos que tive com duas professoras fantásticas, a Dra. Conceição Lino e Dra. Paula Pina. Aí descobri a importância do livro infantil, e lembrei o fascínio que tinha ficado esquecido no passado. Os trabalhos de escrita criativa davam-me imenso prazer e tinha a facilidade de escrever textos divertidos.

Só mais tarde, com a natalidade, me dediquei e arrisquei a enviar o meu primeiro original para uma editora, *O Cuquedo*, e fiquei tão surpreendida, que quando recebi a notícia que iriam editar, não acreditei.

Pesquisando sobre a obra da Clara, fica-se com a ideia de que para si é fácil pôr-se na pele dos miúdos, pensando e agindo como eles. É mesmo assim ou isso dá muito trabalho?

É mesmo assim. Preciso apenas de estar motivada, ou de ter uma ideia, depois é como se abrisse uma torneira.

O facto de ser educadora de infância, e trabalhar diariamente com crianças, permite-me conhecê-las, perceber as suas necessidades, reconhecer as suas preferências. Uma das estratégias que utilizo para captar a atenção delas é precisamente soltar a criança que há em mim, moderadamente, claro!

Quando escrevo, tenho que soltar amarras, obrigo-me a dizer disparates e a rir-me deles. Por vezes custa-me entrar, mas depois de lá estar dentro... não há limites, é só viajar!



O Cuquedo vai já na 10.^a edição. No seu entender, a que se deve tamanho sucesso?

O *Cuquedo* é um livro ingénuo e de uma simplicidade sublime, julgo que esse é um dos seus segredos. A criança identifica este livro como verdadeiramente seu, pela linguagem que utiliza, pela musicalidade em forma de lengalenga, pela repetição e pelo crescer em termos de numero. É uma estória cheia de movimento, completamente irrequieten, contá-la ou ouvi-la é um jogo.

Mas ainda há mais, tem um bicho que ninguém sabe como é, pois nunca ninguém o viu. Tem um nome estranho que não aparece em nenhum livro sobre animais ou dinossauros. Prega sustos, que é algo divertido, mas que ao mesmo tempo é um pouco assustador, portanto, a curiosidade da criança leva-a a explorar a criatividade e a imaginação, e isso é muito satisfatório para a criança.

Julgo ainda que este livro surte um efeito semelhante no adulto, desperta a criança adormecida.

*O Cuquedo
é uma estória cheia
de movimento,
completamente
irrequieten,
contá-la ou ouvi-la
é um jogo.*

Acabou de sair O Cuquedo e um amor que mete medo. Há mais histórias escritas de O Cuquedo?

Sim, há mais histórias de *O Cuquedo*! Tchanananam!

O Cuquedo é um livro invulgar, durante muito tempo pensei se valeria o risco, escrever outro *Cuquedo*. Fui escrevendo, mas não me agradava o suficiente. É difícil manter a qualidade, manter o género e fazer com que seja outro êxito. Não queria desiludir! Por outro lado, o bichinho não me

largava, e julgo que com o Paulo se passou o mesmo. Sabíamos que não iríamos ficar por aqui.

Quando a *Livros Horizonte* me lançou a proposta, foi impossível recusar. E está à vista o resultado.

Fale-nos sobre projetos em que está a trabalhar.

Ando sempre com projetos na cabeça, quando se sonha uma vez e o sonho se torna realidade é difícil depois parar.

Para já, no verdadeiro sentido das palavras, um *Lobo Mau* com lançamento na feira do livro de Lisboa. Foi ilustrado pela Natalina Coias e está simplesmente fabuloso, será uma verdadeira surpresa para os pequenos, estamos todos ansiosos para ver o resultado final (não posso revelar pormenores, é um segredo!).

Para o Natal, um livro que nos fala sobre o artista e a arte, não vos posso revelar mais. Para o ano, um texto fantástico, que me divertiu muito escrever, para meninos mais crescidos do primeiro ciclo, que ainda não tem ilustrador.

Um desafio gigante, mas que estou entusiasmadíssima para começar, e que será a ilustração do meu próprio texto. Espero conseguir corresponder às minhas próprias expectativas!





E por último e muito, muito importante, em parceria com a Vera Parreira, a proposta no OPP (Orçamento Participativo Portugal) do nosso projeto “INCLUSIVO – Livros para todos”. O OPP é um processo democrático através do qual as pessoas apresentam propostas de investimento em que escolhem, através do voto, quais os projetos que devem ser implementados em diferentes áreas de governação. Conto com o Vosso voto.

**Escritor e ilustrador têm boa relação?
Como foi trabalhar com o Paulo Galindro?**

A minha experiência tem sido muito positiva. É um trabalho de equipa, nem sempre estamos de acordo, mas quando as ideias são discutidas normalmente o resultado é bom. Tudo por uma causa maior, o livro, um bom livro.

Com o Paulo foi muito fácil. Ele é uma pessoa muito divertida e com uma grande sensibilidade, julgo que o sentimento foi recíproco. Rimos sempre muito, porque ele diz muitos disparates, brinca com tudo. Tem sempre ideias muito loucas e vive a ilustração em direto, o que faz dele um ser esquisito e lunático (no bom sentido). Tem uma coisa que eu gosto particularmente, é mais esquecido do que eu! Para quem me conhece, vão pensar que é mentira. Mas não é.

*Um livro não nasce só porque sim.
Um livro tem muito de nós,
tem a nossa alma, o nosso sentimento,
o nosso pensamento, a nossa criatividade
e imaginação.*

Costuma dizer-se que não há amor como o primeiro, na literatura também é assim?

Não sei responder a isso! O primeiro livro é a grande novidade, é como visitar a Disneyland pela primeira vez. E esta visita correu muito bem. Foi tudo muito positiva a minha relação com a editora, com o Paulo, a expectativa, o resultado e a reação do público ao livro. Eu atrevo-me a dizer, que foi perfeito!

Criar um livro é sempre uma festa, é sempre divertido, não aborrece porque as histórias são diferentes, temos que ser criativos e essa é a melhor parte, juntar as partes, isso faz com que cada livro seja sempre “especial”.





Que importância dá aos livros publicados entre os *Cuquedos*?

Toda, são os meus meninos. Um livro não nasce só porque sim. Um livro tem muito de nós, tem a nossa alma, o nosso sentimento, o nosso pensamento, a nossa criatividade e imaginação.

Há aqueles que me divertiram enquanto os escrevia, os que me fizeram rir de boca escancarada, os que me fizeram sonhar... Cada um tem um significado diferente para mim, e a minha relação é diferente com cada um deles.



FALÁMOS COM...

Clara Cunha





FOMOS VER...

PAULO GALINDRO

A ILUSTRAÇÃO, O TER
PERMANENTEMENTE AS MÃO SUJAS
DE TINTA, FAZ PARTE INTEGRANTE
DE MIM ENQUANTO SER HUMANO,
ENQUANTO SER PENSANTE QUE
PROCURA UMA RAZÃO DE EXISTIR.



Nasceu como as uvas, sem cabelo, fruto da bela colheita que foi 1970. O cabelo foi-lhe crescendo ao som das enormes impressoras da gráfica onde o seu pai trabalhava... e onde o cheiro das tintas lhe adubou os sonhos. Anos mais tarde, acalentando o desejo secreto de ser astronauta, licenciou-se em arquitetura, foi pai de dois filhos e ilustrou uma pilha de livros. É um facto que ainda não é astronauta, mas dizem por aí que passa o tempo nas nuvens, e a sua cabeça vive no lado oculto da Lua. Atualmente, porque a vida é um eterno retorno, voltou a ser careca.

Quando percebeu que queria ser ilustrador quando fosse grande?

Quando tinha 6 anos verbalizei pela primeira vez – do alto dos meus gloriosos 110 cm – aquilo que gostaria de ser quando fosse fisicamente grande (reforço a palavra “fisicamente”, porque na realidade nunca voltaremos a ser tão Grandes como o fomos em criança): “Quando for grande quero desenhar casas, pintar livros para crianças e ser astronauta!”. Cresci, licenciiei-me em arquitetura e illustrei o meu primeiro livro aos 34 anos (intitulado *Chiu!*, foi co-escrito com a Mafalda Milhões e editado pela *Bichinho de Conto*, e qualquer semelhança com a minha família não é de todo pura coincidência).

Amor:



Esta é condição fulcral para tudo o que fazemos na vida... ama o que fazes e nunca mais terás de trabalhar.

É verdade que ainda não me tornei astronauta, mas como a cultura em Portugal é uma atividade extremamente lucrativa e acarinhada pelo poder político, sei que um dia vou ficar rico e vou poder comprar uma viagem até ao espaço sideral. Até lá, dou-me por muito feliz por andar quase sempre com a cabeça no lado oculto da lua.

Colocando as coisas na perspetiva desta pergunta, e apesar de ser aquilo que se pode chamar um “profissional da ilustração”, na verdade não me sinto como tal. O desejo de ser ilustrador vive em mim há tanto tempo que me sinto um pouco limitado ao usar o termo “profissão”. A ilustração, o

ter permanentemente as mão sujas de tinta, faz parte integrante de mim enquanto ser humano, enquanto ser pensante que procura uma razão de existir. Sei que

corro o risco de cair num discurso lamechas, pretensioso e até algo esotérico, mas, quando me expresso graficamente, sinto que apenas estou a recordar aquilo que já aprendi e que faço há séculos. E talvez não esteja a falar metaforicamente.

O que considera necessário para se ser (um bom) ilustrador?

Nada mais nada menos do que considero ser fundamental numa qualquer atividade humana, sem qualquer ordem de preferência, à exceção da primeira condição, porque está tudo interligado:

- Começo obrigatoriamente por essa bela palavra que é o AMOR. Na vida nada funciona se não nos dedicarmos com um amor incondicional. A ilustração não é exceção. Quando estou a ilustrar, o dia passa lentamente lá fora, e eu nem me apercebo disso. Se tudo estiver a fluir, entro num estado alterado de consciência onde já não

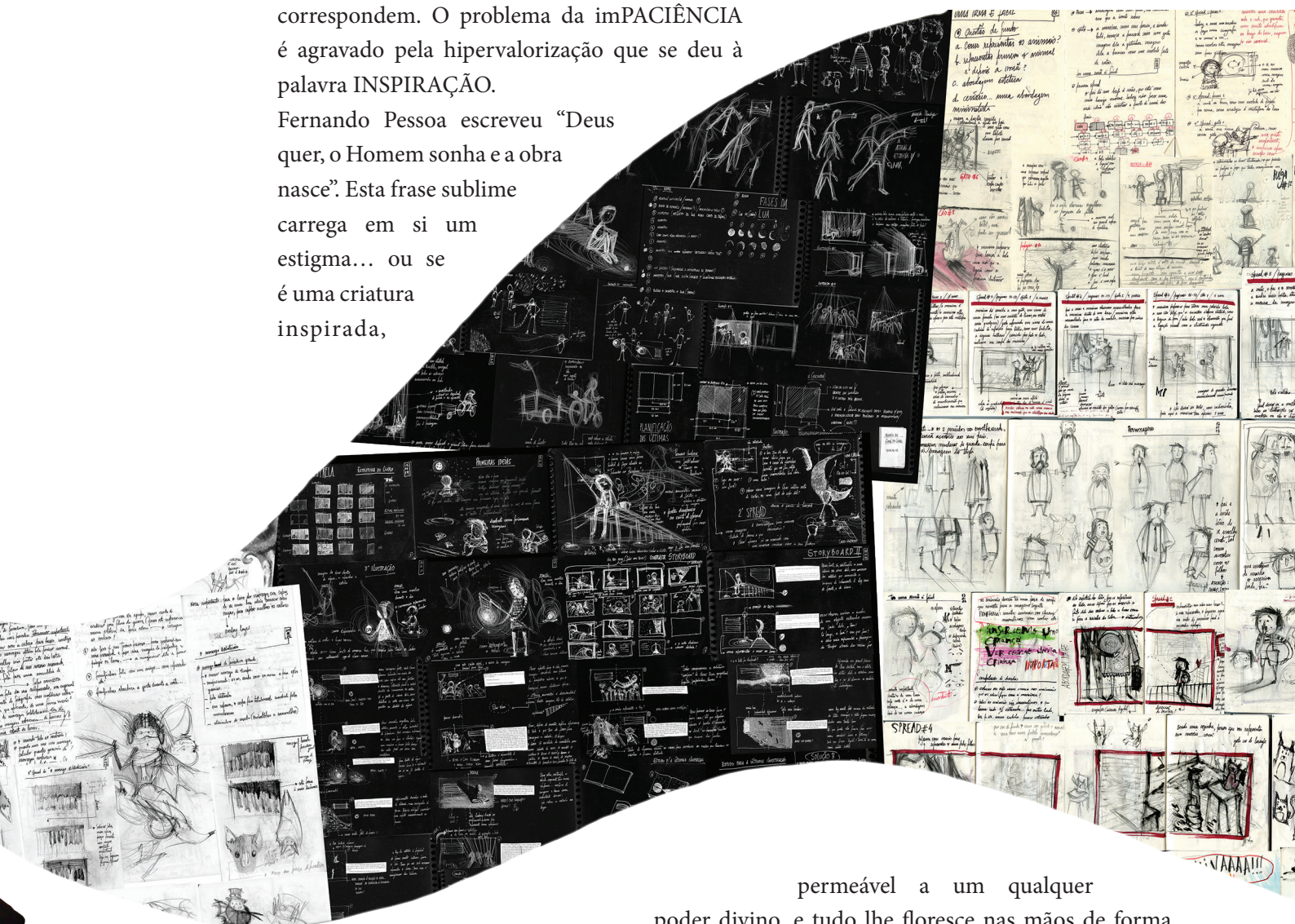


consigo distinguir se sou um careca a desenhar um personagem, ou se sou um personagem a sonhar com o Deus Careca que o está a desenhar. Esta é condição fulcral para tudo o que fazemos na vida... ama o que fazes e nunca mais terás de trabalhar.

- Também é necessária muita PACIÊNCIA, porque parece fácil, mas não é, especialmente se tivermos em linha de conta que, hoje em dia, tudo parece acontecer de forma imediata. Arriscaria mesmo dizer que esse é um dos problemas que mais deteto nas crianças... desistem rapidamente se os primeiros resultados não corresponderem às expectativas, e como é óbvio, nunca correspondem. O problema da impACIÊNCIA é agravado pela hipervalorização que se deu à palavra INSPIRAÇÃO.

Fernando Pessoa escreveu “Deus quer, o Homem sonha e a obra nasce”. Esta frase sublime carrega em si um estigma... ou se é uma criatura inspirada,

O Mundo esconde histórias nos lugares mais surpreendentes. Se prestarmos atenção a um grão de areia, iremos (re)descobrir o universo inteiro. A criatividade é como um músculo... treina-se.



permeável a um qualquer poder divino, e tudo lhe floresce nas mãos de forma imediata e acabada, OU não se pertence a esse grupo restrito e, nesse caso, nem vale a pena tentar a sua miserável sorte. Esta é a imagem que tem sido repetida até à exaustão na história, no cinema, na literatura, na poesia e na cultura

FOMOS VER...

pop em geral, mistificando-a de tal forma que se tornou apanágio de meia dúzia de iluminados. Se algum dia me cruzar com a inspiração, ela encontrar-me-á a trabalhar, diria – e bem – Pablo Picasso. E isso leva-nos à terceira condição...

- O TRABALHO, que tem sempre duas faces:

a) Uma face invisível aos olhos de um observador exterior. Durante, dias, semanas, por vezes até meses, à exceção de algumas garatujas sem sentido, nada de muito concreto parece acontecer. Contudo, no interior, no centro de nós, uma tempestade elétrica permanente fustiga-nos sem dó nem piedade a mente, em busca de uma solução. Até que um dia a “magia” acontece. Do ponto de vista de um observador, esse é momento mágico, quase místico, onde um buraco azul se abre num imenso céu cinzento de nuvens, e ao som de trombetas angelicais, uma mão divina toca a fronte daquele que cria. A obra nasce. É exatamente aqui que reside o equívoco quanto à palavra INSPIRAÇÃO, porque do ponto de vista de quem cria, esse é apenas mais um momento que decorre de um trabalhoso e contínuo processo de reflexão, um momento em que o trabalho passará a ter uma...

b) ... e uma face visível, e também muito trabalhosa. Porque a perseverança e a dedicação dão imenso trabalho. Se queremos desenhar um tubarão temos de o fazer até que as nossas mãos saibam exatamente como funciona um tubarão. E quando já o dominamos, podemos desconstruí-lo, torná-lo no nosso tubarão. Brincar com ele. Rir com ele. Mas tudo começa pelo desejo e pela teimosia. Samuel Beckett aconselhar-nos-ia a tentar. Falhar. Tentar novamente. Falhar novamente. Tentar melhor. Falhar melhor. Um conselho perfeito, porque de facto não há outro caminho.

- Prestar ATENÇÃO a tudo o que nos rodeia. O Mundo esconde histórias nos lugares mais surpreendentes. Aliás, diria mesmo que o Mundo é uma imensa história do qual cada átomo é personagem principal. Se prestarmos atenção a um grão de areia, iremos (re) descobrir o universo inteiro. A criatividade é como um músculo... treina-se. Um bom exercício é andarmos permanentemente com um caderno de desenho. Um suporte onde possamos desenhar / escrever as impressões que nos estimulam os sentidos. Podem ser colagens, rabiscos, borrões, qualquer coisa serve para nos expressarmos e dessa forma, ajudarmos o mundo a expressar-se. Um outro exercício que eu adoro é tirar fotografias como se estivesse a ilustrar uma qualquer história. Se prestarem bem atenção, irão perceber que a mais inócua e estéril paisagem pode ser fotografada de uma forma rica e estimulante. Tudo depende da perspetiva criativa com que decidimos observá-la.

- Por fim, e consequência da atitude anterior, temos de aprender a LER NAS ENTRELINHAS. E este não é um conselho que se limite à ilustração. Considero mesmo que essa é uma das capacidades fundamentais para conquistarmos o espírito de análise e de reflexão, o saber pôr em causa que nos ajuda a manter a sanidade mental neste mundo cada vez mais alienado em que vivemos. A história principal é aquilo que mais depressa se apreende. Seja um livro, uma notícia num jornal, um *post* numa rede social, ou uma reportagem num canal de televisão. Mas é nas entrelinhas que se escondem as verdadeiras histórias, as mais ricas e interessantes. Essa é a verdadeira função de um ilustrador... descobrir as estórias que vivem nas entrelinhas de uma história, e contá-las graficamente. Acabaram-se as desculpas... Mãos à obra!



As atitudes / condições que enunciou são fundamentais, mas pode pormenorizar como se desenrola o seu processo criativo?

Ui! A resposta rigorosa a essa pergunta deixar-me-ia os dedos em sangue de tanto bater nas teclas, e a todos aqueles que porventura se aventurarem a ler este texto à beira de um ataque de sonolência. Tentarei ser breve.

A primeira coisa que faço, antes de aceitar um trabalho, é ler o texto, sentir-lhe o pulso, perceber se consigo estabelecer com ele uma relação de empatia.

Se a resposta for afirmativa, então voltarei a lê-lo umas 50.000 vezes, até que ele seja meu. Não funciona de outro modo. Leio-o e releio-o vezes sem conta, descubro as histórias que vivem nas entrelinhas, nos parágrafos e na pontuação. Porque a riqueza de um texto reside nas palavras que não foram escritas, mas que vivem escondidas nas que o foram. Nesta fase escrevo, escrevo muito. Às vezes palavras soltas, ideias desconexas e estapafúrdias, sensações, sabores, cheiros. Às vezes escrevo longos textos sobre a história, onde falo de tudo e falo de nada. Na verdade, enquanto escrevo estou a desenhar, porque escrever é desenhar de uma forma sublime. Leio em voz alta, e até já cheguei a ler o texto em estilo *RAP* ao som desenfreado de uma música dos *Kraftwerk*, ou de um ritmo criado por mim numa aplicação de caixa de ritmos do meu *tablet*. Tudo serve para encontrar um fio à meada.

E durante este processo, por vezes surreal para quem está de fora, surgem-me imagens soltas, enquadramentos, cores, que eu tento aprisionar no meu caderno de desenho, de uma forma descomprometida.

É a partir destes elementos que começo a trabalhar e a desenvolver as ilustrações, que muitas vezes tomam um caminho muito diferente das imagens que as fizeram nascer. Todas estas ideias acabam por ser cosidas e



coladas num todo que se pretende coeso, com a execução de um *storyboard*. Nele se estruturam as páginas, o texto, as imagens, as cores, as manchas, os enquadramentos, os ritmos, os momentos-chave e tudo o que possa tornar a leitura do futuro livro numa experiência única e rica.

Não há formulas mágicas, inspirações divinas ou milagres. Tudo se resume a trabalho, teimosia, paixão e a uma paciência sem limites para tentar e falhar tantas vezes quantas as necessárias. Só assim se pode crescer, saindo da nossa zona de conforto, arriscar, inovar, nem que seja um milímetro, experimentar muitas vezes. Se não for assim, de nada vale o esforço despendido.

Apesar da era digital em que vivemos, o seu trabalho de ilustração é “manual”...

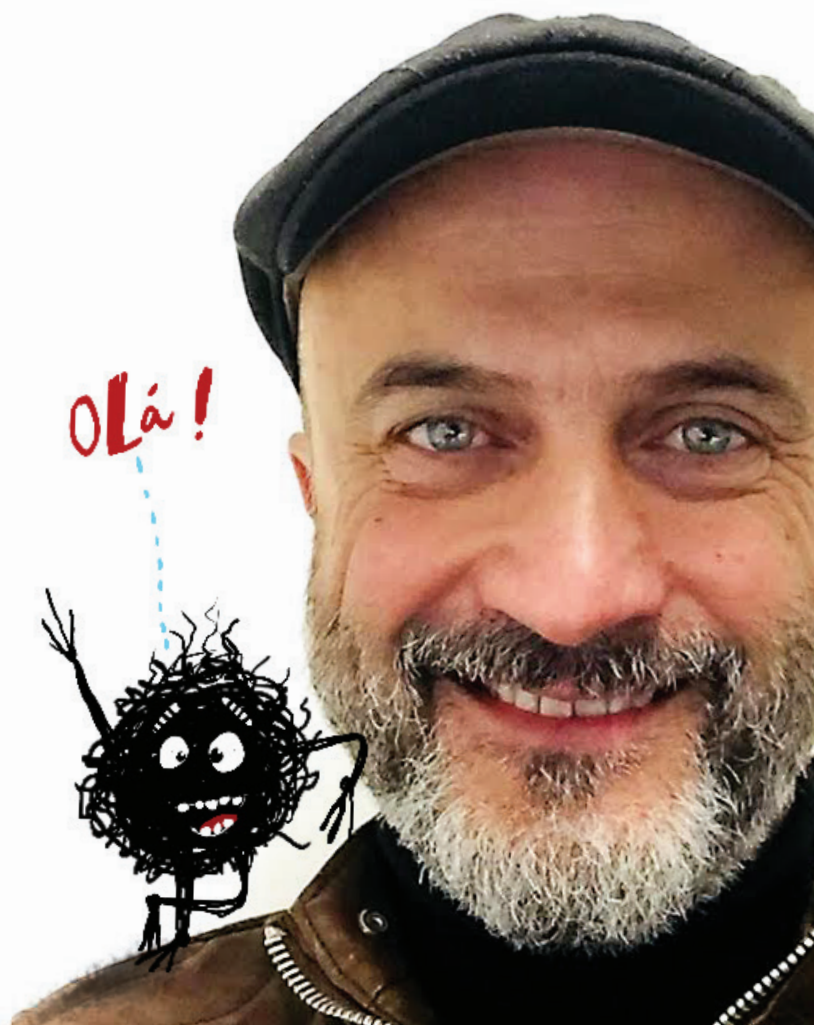
O desenvolvimento das tecnologias trouxe uma enorme mais-valia em todos os setores da atividade humana. A ilustração, como é óbvio, não é exceção. Partilha de conhecimentos, rapidez na execução, fluidez no pensamento, pesquisa, novas ferramentas, novas técnicas e novas estéticas.

Eu uso e abuso da tecnologia em muitas áreas da minha profissão, tanto ao nível da arquitetura como da ilustração. No entanto, tenho de confessar que, no que toca à execução das ilustrações, continuo a preferir o trabalho 100% manual, mesmo correndo o risco de me tornar anacrónico. Anacrónico e com as mãos e outros sítios inconfessáveis sujos de tinta. Aliás, escrevi um quase-manifesto, intitulado “O elogio do analógico”, onde abordo esta temática.

Tenho de confessar que, no que toca à execução das ilustrações, continuo a preferir o trabalho 100% manual, mesmo correndo o risco de me tornar anacrónico.

Quem segue o seu percurso percebe que é versátil, sem contudo abandonar um estilo próprio e identificável pelo leitor... É assim?

Considero-me um ilustrador versátil, tanto ao nível da abordagem estética como das técnicas utilizadas. Claro que isso não significa que o meu trabalho não seja identificável. Pessoalmente, penso que existem algumas características no meu trabalho que me identificam como ilustrador. Algumas são bastante visíveis, outras são tão subtis que nem eu as reconheço num primeiro olhar. Adoro experimentar novos materiais e técnicas, novas linguagens. Adoro aprender a cada novo trabalho, sair da minha zona de conforto.





O problema é que, como diria Jacques de la Palisse, quando saímos da nossa zona de conforto, sentimo-nos desconfortáveis. Esse é o preço a pagar... a angústia omnipresente de estarmos a pisar território desconhecido, que se soma às borboletas na barriga que se sentem quando vamos criar e materializar algo que previamente apenas tem existência elétrica e metafísica no nosso cérebro.

Esta ausência de uma linha contínua no trabalho desenvolvido não é uma abordagem adotada por todos os ilustradores. Há quem defenda a fidelização a uma linguagem gráfica (naturalmente a receita que mais sucesso teve no seu percurso profissional) evitando dessa forma aquilo que consideram ser uma certa fragmentação / falta de identidade no trabalho desenvolvido. São muitos os ilustradores de renome que defendem este caminho, assim como o são aqueles que o contrariam. Pessoalmente, prefiro o caos e a violência criativa, a impulsividade, a intuição, a espontaneidade e a natural curiosidade pelo desconhecido. Mas devo confessar que são muitos os momentos em que vacilo e me pergunto se esse será o melhor caminho. Ninguém disse que o ato criativo é fácil. Para mim não é nem nunca foi. Muito pelo contrário. E ainda bem.

Quando uma criança ainda não sabe ler a palavra escrita, as ilustrações são também, de uma certa forma, texto. É através da leitura das ilustrações que uma criança toma contacto pela primeira vez com a leitura da palavra.

Como ilustrador, como entende a relação entre texto e ilustração nos livros de Literatura Infantil e Juvenil?

A ilustração conta uma história. Várias histórias. A história que está escrita, mas também as histórias que vivem nos interstícios das linhas. Por isso mesmo um ilustrador é, sem dúvida alguma, um contador-de-histórias. E quando uma criança ainda não sabe ler a palavra escrita, as ilustrações são também, de uma certa forma, texto. Por isso mesmo, é através da leitura das ilustrações que uma criança toma contacto pela primeira vez com a leitura da palavra. E se o ilustrador fizer um bom trabalho, o prazer que uma criança retira desse momento pode perdurar uma vida inteira. Desenhar é escrever. Escrever é desenhar. Ponto final. Infelizmente ainda existem alguns (poucos, felizmente!) autores de textos que vivem agarrados à ideia de que um livro é um filho de uma família monoparental, e que a “bonecada” apenas está ali para decorar.

Qual o maior desafio que já enfrentou ou que gostaria de enfrentar em termos profissionais?

Um dos meus grandes sonhos é escrever um livro, para depois ilustrá-lo. Tenho já uma série de ideias estruturadas na minha cabeça, mas falta-me o mais importante... tempo para transformar essas tempestades elétricas que faíscam dentro da minha cabeça para algo material e concreto.

Um dia, quem sabe?

Mas há um outro desafio, que cada vez é mais complexo resolver: encontrar um ponto de



equilíbrio entre a minha atividade de arquiteto e de ilustrador, tendo como pano de fundo a minha prioridade enquanto pai de duas crianças. Até agora tenho conseguido, por vezes com prejuízos para a minha saúde. Mais tarde ou mais cedo sei que terei de resolver definitivamente esta dicotomia, com inegável prevalência para a atividade que me faz vibrar. Mas por agora, a crise e a sensatez dizem-me para a manter assim mesmo... Uma dicotomia.

O livro *O Cuquedo*, escrito por Clara Cunha e ilustrado por si, recebeu uma Menção Honrosa no Prémio Nacional de Ilustração 2009. Recentemente, saiu *O Cuquedo e um amor que mete medo*. Como foi ilustrar essa personagem? A abordagem foi a mesma em ambos os livros ou considera que houve alguma evolução?

Dizem por aí que não devemos voltar aos lugares onde fomos felizes. Se um desses lugares for um livro, e se esse livro for *O Cuquedo*, este aforismo ganha uma nova dimensão na minha vida, e aqui posso falar por ela, na vida da Clara Cunha. De facto, *O Cuquedo* é, na minha carreira de ilustrador, um monumento. Não digo isto no sentido da auto-bajulação ou da vanglória... sejamos francos, *O Cuquedo* é mais um livro muito bom – um maravilhoso casamento entre texto e imagem em que o resultado é manifestamente melhor do que a soma das suas partes – no meio de um mar de livros muito bons. Falo, essencialmente, na forma como o livro foi adotado e acarinhado pelas crianças e adultos. De facto, ao fim de 10 edições e de mais





de 30.000 livros vendidos, continuo a ficar absolutamente impressionado com a forma como os olhos dos miúdos brilham com este livro. Não há outra forma de pôr as coisas... há muito tempo que *O Cuquedo* deixou de ser nosso. Sei que é um cliché dizer isto, mas os clichés são por vezes a melhor forma de abordar uma questão.

Há muito que a ideia de fazer uma sequência de *O Cuquedo* estava em banho-maria entre mim e a Clara Cunha. Foi raro o momento em que estivemos juntos que essa ambição não veio à tona por entre gargalhadas e ideias malucas. Contudo, outros projetos, a vida em geral e, confesso, um certo receio partilhado de revisitar uma criatura tão carismática como *O Cuquedo*, sem o desvirtuar ou prejudicar o culto que há volta dele se foi criando, foram tendo como resultado um contínuo adiar desse tão desejado momento. Os anos foram passando e o sonho foi aumentando. E ficou tão grande que literalmente foi impossível virar-lhe as costas. É que na verdade, já não era só um sonho da Clara ou meu, mas acima de tudo, do próprio *Cuquedo*, que todos os dias nos gritou aos ouvidos o desejo de invadir uma vez mais as livrarias sem dó nem

piedade, assustando de morte todos aqueles contrariassem de algum modo esse inevitável acontecimento. Ideias, palavras soltas, frases sem nexos, becos sem saída, ideias estapafúrdias, tudo isto foi sendo burilado e aperfeiçoado, num processo de perfeita partilha entre a Clara e eu, que culminou agora com o livro “*O Cuquedo e um Amor que mete Medo*”.

O Medo continua lá, mas agora duplicado, triplicado, e repetido e ampliado. Os tons ocre deram lugar à frescura e ao mistério do verde. Alguns animais já nossos conhecidos apareceram novamente, e muitos outros fizeram o seu batismo de fogo neste livro. E os negros “BU” deram lugar a alguns luminosos “UAU”, como só o Amor assaralhado consegue fazer. Pelo meio, continuam a haver muitos segredos por revelar e um em particular, que é maravilhosamente gigantesco... tão grande, tão grande que já ponderámos recompensar de algum modo quem o descortinar. E mais não posso dizer. O melhor mesmo é fazer um safari pelas livrarias, e tentar encontrar este rapaz irascível e de mau feitio... mas também um pinga-amor.

FOMOS VER... *Paulo Galindro*



OS NOSSOS PARCEIROS

Germana Tânger

Presidente Honorária do Centro Cultural de Amarante



Acta Número Um

“Aos nove dias do mês de dezembro de mil novecentos e oitenta e um, realizou-se numa das salas da Câmara Municipal de Amarante, uma reunião do Centro Cultural de Amarante com a presença de sete elementos formadores do mesmo, para elaborar uma lista para os corpos gerentes do referido

Centro Cultural de Amarante.

Aprovada por unanimidade, a lista a propor é a seguinte: Maria Germana Dias da Silva Moreira Tânger Corrêa – Presidente Honorária do Centro Cultural de Amarante.

(...)

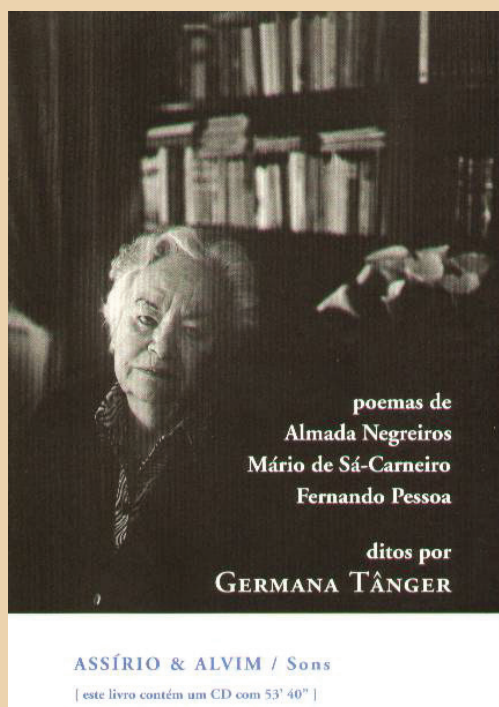
Esgotado o assunto, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata perante todos e que vai ser lida em voz alta e assinada por todos os presentes e por mim que a subscrevi, primeira secretária do executivo, Maria Isabel Pereira Soares Gonçalves.”

A atriz, declamadora, encenadora e pedagoga Maria Germana Dias da Silva Moreira Tânger Corrêa era presença assídua na Quinta da Chentuada, a casa de família de Maria Amélia Laranjeira, a fundadora do CCA.

A mulher que dedicou a vida às palavras e que privou com o mundo das letras e o meio artístico de várias décadas privou também com Maria Amélia Laranjeira, também ela, uma mulher culta, viajada e voltada para a cultura.

Germana Tânger faleceu a 22 de janeiro deste ano, aos 98 anos, e rapidamente proliferaram as notícias sobre a mulher que “era uma pedagoga inata, que amava a arte como ponto de encontro do espírito”, como escrevia Guilherme D’Oliveira Martins, no jornal *As Artes entre as Letras*. “E que é a capacidade criadora senão a fantástica virtude de possuímos o olhar limpo para podermos descobrir o mundo...?” pergunta Guilherme D’Oliveira Martins na crónica que assina, para, mais à frente no mesmo texto, recordar a lembrança mais antiga que tem da declamadora: “A vê-la e a admirá-la na Ronda Poética, nos primeiros tempos da televisão. Então aquela voz pausada, ligeiramente rouca, a dizer na perfeição a língua portuguesa, tornou-se-me familiar”.

Também o jornalista Luís Miguel Queirós, do jornal *Público* descreveu Germana Tânger como “grande *diseuse* e divulgadora da poesia portuguesa que ajudou a divulgar no país e no estrangeiro, mas também mestra de dicção de sucessivas gerações de actores”. O jornalista recorda: “o episódio mais célebre da sua longa carreira de *diseuse* foi talvez uma concorrida sessão no Teatro da Trindade, em 1959, quando subiu sozinha ao palco para ler, de cor, os quase mil versos da *Ode Marítima* de Álvaro de Campos”.



Germana Tânger nasceu em Lisboa em 1920. Estudou no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, e depois na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde integrou o respetivo grupo de teatro, fundado por Manuel Tânger Correia, latinista e professor universitário, com quem se casou em 1948. A ele deve o apelido pelo qual se tornou conhecida. “Poeta dos Poetas”, Germana Tânger começou, a partir

desse momento “a dizer poesia, e muitos dos poetas que integravam o seu repertório vieram a tornar-se amigos chegados, de Almada Negreiros a José Régio e de Jorge de Sena e Sophia a Mário Cesariny”, pode ler-se na reportagem, assinada por Luís Miguel Queirós.

Recorde-se que Sara Oliveira, acompanhou Germana Tânger, ao longo dos últimos anos, e transcreveu para computador os manuscritos que compõem a autobiografia, “Vidas numa Vida” (Manufatura), lançada em 2016.



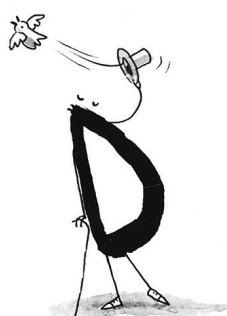
A declamadora, que até chegou a sonhar ser atriz, como revela a autobiografia, resume a vida num leque de palavras e emoções, nomeadamente, surpresa, dedicação, amor, amizade, desilusão, força, esperança e saudade.

A POESIA CONCRETA PORTUGUESA PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE

1. Num poema de 1980, inscrito no livro *Outras Metáforas*, e publicado na coletânea *O Cisne Intacto* (1983), Ana Haterly, uma das precursoras do experimentalismo poético, escreve que «o poema é / para ver-se / ler-se / (às vezes ouvir-se) // mas / sobretudo / adivinhar-se» (p. 54). Atente-se de que o visual de que aqui se fala não decorre da ilustração, mas da configuração do próprio texto, normalmente associado a um percurso que passa pela visão (visualidade), leitura (escrituralidade) e audição (oralidade). Ou, dito de outro modo, o poeta trabalha o material verbal na página, dando-lhe uma configuração visual (e sonora) que interage com o conteúdo, num enriquecimento mútuo.

Estamos, neste contexto, diante de uma poesia que não limita «o seu meio de expressão às palavras carregadas de significado» (Prado, 2004: 7), mas que ultrapassa esta fronteira pela utilização (da materialidade e plasticidade) das palavras, dos sons, das imagens e de todos os materiais suscetíveis de serem portadores de conteúdo poético. Há, por conseguinte, na poesia concreta um apelo a todos os sentidos, e não apenas ao «ouvido» ou à «vista», numa confluência distinta de expressões e manifestações (*Ibidem*). Estamos, como se infere pelo nome que se lhe atribui, diante de um carácter experimental, de espetáculo, de jogo, de *performance*.

Este tipo de poesia encontra a sua máxima expressão nas vanguardas do princípio do século XX, concretamente no cubismo e na defesa da «arte total» (como criação artística que implicasse todas as manifestações



Diz
a vida:
— Dá.

Diz
a ave:
— É dia.

Digo:
— É de ti
que vem
a alegria.

artísticas, abolindo as fronteiras entre géneros distintos), mas remonta à antiga Grécia, permanecendo vivo ao longo de toda a antiguidade, da Idade Média, do Renascimento e dos séculos posteriores, como testemunham inúmeros e variados exemplos. Estes, acentuando a presença e importância de elementos visuais, a ponto se usarem como termos equivalentes, permitem estabelecer uma tipologia de poesia experimental (Prado, 2004), que se consubstancia:

— no uso das letras na sua dimensão plástica, considerando-as, não como sinais linguísticos, mas a sua forma, o seu desenho, a sua figuração conotativa (letrismo);

— na utilização da palavra que se liberta da frase e, livre, se dispõe na página, reivindicando assim novos significados e dimensões poéticas (concretismo);

– no som como substância do texto (o efeito sonoro que gera e produz) e não a forma gráfica das letras ou das palavras e onde, «a substância semântica (o significado) convencional praticamente não existe» (Prado, 2004, 13) (fonética);

– na utilização não exclusiva de sinais gráficos, mas também de qualquer tipo de imagens suscetíveis de poeticidade (ex: desenhos, pinturas ou fotografias, letras e palavras, colagens, etc., individualmente ou em articulação) (Icónico-verbal);

– na associação de objetos dotados «de uma dimensão simbólica ou metafórica a um objeto ou conjunto de objetos habitualmente tomados da vida quotidiana, descontextualizados e/ou manipulados, convertendo-os assim em portadores de uma mensagem poética» (Prado, 2004, 14) (poema-objeto).

Estes aspetos articulam-se com as especificidades da poesia infantil e juvenil (como a brevidade, o recurso a elementos reiterativos, a predominância do humor e a oralidade) confirmando que a linguagem e a sua livre e lúdica utilização é uma das marcas da literatura para a infância e a juventude (Machado & Montes, 2003). São reconhecidas as vantagens da «especialização» (Moisés, 2006, p. 162) deste tipo de poesia, em que a dimensão visual e espacial do poema «predomina[m] sobre o sentido ou conteúdo» (Ibidem, 163) ou, no dizer de Umberto Eco (1989, 299), ocorre uma «alteração na ordem da expressão».

Este processo dinâmico obriga o leitor a compreender a unidade orgânica entre o código técnico-compositivo e a forma e o conteúdo do poema e nela se adentrar no significado polissémico do poema. O diálogo

entre a configuração visual (e sonora) e o conteúdo é característica da poética que tem como destinatário preferencial a infância e a juventude.

2. Estranhamente, o concretismo poético é ainda escasso neste tipo de literatura.

Alguns casos, porém, merecem a nossa atenção: Mário Castrim, com o livro *Estas são as letras* (1997), Teresa Guedes, com os livros *Real...mente* (2005) e *Tu escolhes* (2009) e a dupla João Pedro Méseder / Francisco Duarte Mangas, com os seus *Breviário do Sol* (2002) e *Breviário da água* (2004).

Mário Castrim instaura, no dizer de Rui Veloso (s/d) «uma clara subversão da aprendizagem do alfabeto em favor de uma abordagem lúdica das letras», inscrevendo-se no que atrás designámos de «letrismo», pela demora do olhar «no desenho de cada uma delas [das letras]» e também do ouvido «nas sugestões fónicas a elas associados para construir textos», onde «o ritmo assume um papel importante para o pleno gozo, articulatório e acústico, da criança». Segundo Rui Veloso, este tipo de experimentalismo poético, associado ao humor, constitui um desafio à «inteligência infantil» passível de se traduzir em aproximação à poesia ou à atividade de escrita poética (Melo, 2011). O letrismo, evidente no livro, não dispensa, antes recupera e reinventa formas populares dos trava-línguas (veja-se o exemplo da letra «T») e das lengalengas «suportados pela metáfora, pela personificação e pela aliteração» (Silva, s/d), como pode ver-se no poema da letra «Q»:

Estou sempre muito longe.
Dizem qualquer coisa e eu pergunto:

- Quê?

Pergunto sempre:

- Quê?

Não sei porquê.

O meu amigo V
zanga-se e diz:

- És surdo ou quê?

E eu respondo sinceramente:

- Sou quê.



Mário Castrim (*Estas são as letras*, p. 26)

A composição visual/textual das letras e dos anagramas (poema da letra «V»), sustentada por versos heterométricos, por estrofes irregulares e por diálogos (poema da letra «E») configuram o carácter experimental da obra em que se cria uma forma, através das (letras das) palavras, que sugere o tema ou conteúdo possível (Cullinan et al., 2005). Também as onomatopeias permitem a associação entre o visual e o sonoro ou vice-versa, num jogo conotativo denso. Veja-se a este título o poema da letra «U», em que o poema se constrói num crescendo que vai da sugestão fónica da onomatopeia (O comboio faz u...u... / O touro faz uuuuuuu! / O mar à noite uuuuuuuiva) à imagem visual, enfatizada pela chamada de atenção para os olhos:

(...)

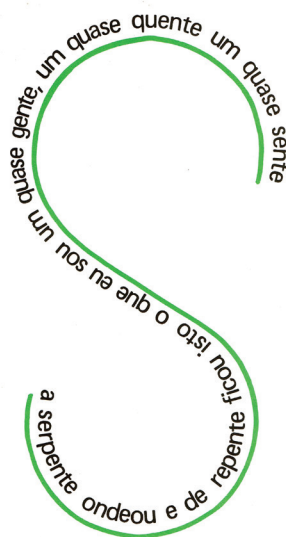
Reparem bem:

Não tenho o ar
de quem
onde o que ficava bem
era uma flor?

Mário Castrim (*Estas são as letras*, p. 42)



Já os poemas das letras «A» e «S», no âmbito do letrismo, aproximam-se dos «word picture poems» que se traduzem em imagens ou desenhos de poemas elaborados a partir de letras, palavras, sinais gráficos ou figuras geométricas.



Subsiste aqui uma vinculação entre a letra, as palavras e a configuração gráfica tal que a faltar qualquer um destes elementos ou a ser diferente, logo se altera a possibilidade conotativa do texto.

No contexto da poesia experimental para a infância e juventude, *Estas São as Letras* assume um papel peculiar, por múltiplas razões: em primeiro lugar, pelo seu pioneirismo – é a primeira vez que um autor que escreve preferencialmente este tipo de destinatário dedica um livro inteiro a este tipo de poesia; em segundo lugar, por apresentar este experimentalismo a partir de tema comum – o abecedário – e com fortes repercussões pedagógico didáticas; em terceiro lugar, por manter, apesar do experimentalismo visual e fonético, uma densidade poética forte, sustentada por um conjunto de recursos consistentes, apesar de um certo hibridismo formal, «que serve a vontade poética de valorização fonética e de jogo cómico, por vezes, de raiz absurda ou nonsensical» (Silva, s/d).

Processo poético distinto é o de Teresa Guedes que ponteia a sua poesia para a infância e juventude com «alguns ensaios poéticos concretistas, experimentais ou visuais» (Silva, s/d, b). Desde logo porque o experimentalismo cruza toda a sua poesia, mesmo onde os aspetos concretistas e visuais não são evidentes, e depois por um maior distanciamento do letrismo e uma maior aproximação à poesia concreta, entendida como emancipação da palavra no espaço formal do texto que assim ganha visualidade e se reorganiza em função de novas dimensões poéticas. Veja-se, por exemplo, o poema «Lua» do livro *Real...mente* (2005), em que a organização do texto não se configura já em redor de uma qualquer letra ou sinal gráfico, mas da imagem da lua (em quarto minguante) que no seu centro concentra a mensagem central (O brilho alastra / acendo uma vela / o medo diminui) também perceptível graficamente. Ou ainda, na mesma obra, o poema «Bilhete de amor», onde a associação de conteúdos verbais a sinais gráficos distintos, num espaço gráfico definido (o de um pequeno bilhete de papel, dado pela caixa em que o poeta se inscreve) configura um exercício poético singular, a que a troca de letras por imagens do verso final empresta rara densidade poética.

É esta liberdade experimental, a par da revisitação de universos clássicos, que leva Ana Margarida Ramos (s/d) a afirmar que esta coletânea de poesia «constitui um exercício poético singular em torno das palavras e dos conceitos que elas designam, sublinhando a magia da linguagem e revelando, por parte da autora, uma especial capacidade de olhar o mundo a partir da perspetiva da criança».

O mesmo se pode dizer de *Tu escolhes* (2007), outra coletânea de poesia – em verso e prosa – «onde é visível a centralidade da palavra, trabalhada em termos visuais e gráficos, sonoros e semânticos» (Ramos, s/d). Três poemas convocam a nossa atenção visual: «Papagaio de papel», em que o conteúdo verbal se subjugava a uma distribuição gráfica das palavras que sugere um papagaio de papel a abrandar, a descer e a cair, a cair devagar; «Não há impossíveis», onde, numa primeira estrofe (poema?), a antítese se estabelece visualmente, isto é, onde a manifestação da crença de que se pode transformar uma girafa num ser mais pequeno do que um mosquito se concretiza visual e graficamente no tamanho da letra que constituem cada uma das palavras: girafa em letra muito pequena e mosquito em letra muito grande; na segunda estrofe (poema?), a (im)possibilidade também se concretiza visualmente ao colocar-se uma pequeníssima caixa de texto sobre um ponto negro e ao escrever-se: Eu acredito que está aqui / um poema sobre uma pulga; «O equilíbrio», poema onde se estabelece um jogo entre o papel do corretor e a imaginação; o primeiro encurta o poema até ao nada, o segundo cresce do nada e faz o poema: E o poema cresceu! Que bom!

O EQUILÍBRIO

O corrector no poema
O corrector no poem
O corrector no poe
O corrector no po
O corrector no p
O corrector no
O corrector n
O corrector
O correcto
O correct
O correc
O corre
O corr
O cor
O co
O c
O
O
Ol
Olh
Olha
Olha c
Olha ch
Olha che
Olha cheg
Olha chego
Olha chegou
Olha chegou a
Olha chegou a i
Olha chegou a im
Olha chegou a ima
Olha chegou a imag
Olha chegou a imagi
Olha chegou a imagina
Olha chegou a imaginaç
Olha chegou a imaginaçã
E o poema cresceu! Que bom!



E isto capta-se vendo e vê-se lendo – é metapoesia!

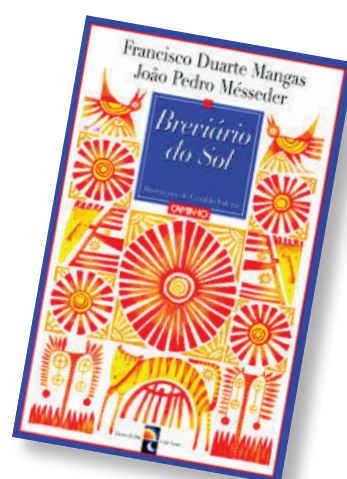
Em João Pedro Mésseder e Francisco Duarte Mangas subsiste «o gosto pela arquitetura concentrada e reduzida ou por formas concisas, muito depuradas, mas fortemente metafóricas, refletindo-se em textos compostos por dois (dísticos) ou três versos (tercetos)» (Silva, s/d.). A tal arquitetura não é estranha a vertente visual, seja no poema «Eucalipto» de *Breviário do Sol* (2002), seja nos poemas «Chuva», «Guarda-rios», «Lampadário», «Abril», «Água sonâmbula» ou mesmo «Letras molhadas» de *Breviário da água* (2004). Nestes poemas, a distribuição das palavras na página, em consonância com a semântica, evidencia ou traduz o conteúdo do poema, numa utilização original da língua resultante da articulação entre forma (visual) e conteúdo. Veja-se, a título exemplificativo, o poema «Chuva» (p. 10), em que os versos

«A melancolia
do sol
é redonda
e líquida»

assumem uma plurissignificação distinta em função da sua organização visual (vertical em vez da horizontal e com espaços aparentemente aleatórios) capaz de «molhar» o leitor:

Chuva

a			
m	d	é	e
e	o		
l		r	l
a		e	í
n	s	d	q
c	o	o	u
o	l	n	i
l		d	d
i		a	a
a			



Surpreendente é também o poema «Guarda-rios» (p. 33) pela antítese aparente entre o título, o conteúdo do poema e o verso derradeiro, sendo detetável um percurso longo, estreito e aleatório e, por conseguinte, impossível de guardar que desagua na infância.

Guarda-rios

Impossível
guardar
o
r
i
o
que
des
agua
na
n
o
s
s
a
infância



Peculiar nesta poética é a associação da componente visual a uma dimensão verdadeiramente poética e não simplesmente lúdica. Estamos em presença de uma poética substancial (na sua articulação entre forma e conteúdo) que não abdica da sua poeticidade em favor da plasticidade, mas com ela e nela a aprofunda e subverte.

3. A poesia concreta portuguesa para a infância e a juventude não se esgota nestes três casos. Obrigatório é trazer à liça Alexandre O'Neill e os seus poemas «Pulga», «O Macaco», «Já», «Digitamor», «Aviso», «Bloco», «Homem» e os (muitos) «Divertimento com sinais ortográficos».

É verdade que, com exceção do citado caso do «Divertimento com sinais ortográficos» de Alexandre O'Neill, os restantes exemplos serão, em bom rigor, caligramas e não poesia experimental. Se concordarmos que um caligrama é um texto poético «cuja disposição reproduz um objeto nele aludido», sendo designado, em muitos casos, como um «poema-desenho» que, «na sua disposição gráfica une o sentido com a imagem» (Moreno, 1998, p. 160 e p. 161). Não sendo nosso objetivo aprofundar aqui a distinção entre os diversos géneros

deste tipo de texto poético (experimental, concreta, visual, caligramas, etc.), importa, todavia, sublinhar, com Victor Moreno (1998, p. 161-162):

As palavras são também um suporte concreto, um espetáculo visual, um andaime de material resiste à vista e não só o veículo abstrato e aborrecido de um perverso e polimorfo sentido. É possível (...) acreditar na existência de palavras azedas, coloridas e doces. E que, mediante a distribuição topográfica das mesmas, se possa expressar a ideia e o sentimento que cada um armazena na sua memória e no seu esquecimento, puros como o vazio.

Neste quadro, os exemplos apresentados são testemunhos de uma poesia concreta para a infância e juventude em sentido

próprio. Faltará porventura aprofundar, na poesia para este destinatário preferencial (e em termos de oferta), a dimensão experimental, apostando no «Poema Proposta», na «Poesia-Ação», no «Vídeo-poema» e até na «Poesia cibernética».

A concluir, uma brevíssima nota final se impõe sobre o uso e exploração deste tipo de poesia na escola. Alguns estudos têm chamado a atenção para a importância da leitura «com os olhos» da poesia (Calo, 2011; Jean, 1989; Melo, 2011; Perry, 1997). Assim, George Jean (1989) enfatiza a importância da observação do poema que possibilita ao leitor a focalização dos «ritmos complexos e infinitamente variáveis dos tipos gráficos, dos espaços em branco, dos espaços para sonhar e da expressividade dos caracteres, carregada de significação». Kristine Calo (2011) sublinha a importância deste tipo de poesia, na medida em que pode ajudar a determinar os conceitos literários, a fortalecer o pensamento crítico e a desenvolver competências e estratégias várias, tornando-se assim mais real para os jovens leitores e promovendo a motivação para a leitura e escrita poética (Melo, 2011). A dimensão visual e concreta da poesia parece ser uma mais-valia a somar ao inestimável e comprovado valor da presença e do uso da poesia na escola.

João Manuel Ribeiro

Referências bibliográficas

- AGUIAR, Fernando (2006). O experimentalismo poético em Portugal. O eixo e a roda, 13, 2006. Disponível http://www.lettras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/er_13/er13_fa.pdf
- CALO, Kristine M. (2011). Comprehending, composing and celebrating graphic poetry. *The Reading teacher*, 64 (5), pp. 351-357.
- CASTRIM, Mário (1997). *Estas são as letras*. Lisboa: Caminho.
- GUEDES, Teresa (2005). *Real...mente*. Lisboa: Caminho.
- GUEDES, Teresa (2007). *Tu escolhes*. Lisboa: Caminho.
- Jean, Georges (1989). *Na escola da poesia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MARTINS, Alberto (2008). Tipografia. *Relâmpago*, 23, pp. 35-36.
- MELO, Isabel Maria Pinto do Suto e (2011). *Da Poesia ao desenvolvimento da competência literária: propostas metodológicas e didáticas para o Ensino-Aprendizagem da Língua Portuguesa no 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*. Dissertação de Doutoramento em Estudos da Criança. Braga: Instituto da Educação /Universidade do Minho.
- MÉSEDER, João Pedro & MANGAS, Francisco Duarte (2002). *Breviário do sol*. Lisboa: Caminho.
- MÉSEDER, João Pedro & MANGAS, Francisco Duarte (2002). *Breviário da água*. Lisboa: Caminho.
- MÉSEDER, João Pedro (2009). O guardador de árvores. Porto: Trampolim Edições.
- MORENO, Victor (1998). *Va de poesia. Propuestas para despertar el deseo de ler y escribir poesias*. Pamplona: Pamiela Editorial.
- O'Neill, Alexandre (2007). *Poesias Completas*. (5.ª edição). Lisboa: assírio & Alvim.
- PERRY, Aaren Yeatts (1997). *Poetry across the curriculum: an action guide for elementary teachers*. Needham Heights: Allyn & Bacon.
- PRADO, Félix Morales (2004). *Poesia experimental española (1963-2004)*. Antología. Madrid: Marenostrum.
- SILVA, Sara Reis da (s/d). *Breviário do sol*. In http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/portal.pl?pag=sol_la_fichaLivro&id=172
- VELOSO, Rui Marques (s/d). *Estas são as letras*. In Disponível em http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/portal.pl?pag=sol_li_fichaLivro&id=1217
- POWELL, J., & HALPERIN, M., (2004). *Accent on Meter. A handbook for readers of poetry*. Urbana – Illinois: NCTE.
- RAMOS, Ana Margarida (s/d). *Real...mente*. In http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/portal.pl?pag=sol_la_fichaLivro&id=633
- Ramos, Ana Margarida (s/d). *Tu escolhes*. In In http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/portal.pl?pag=sol_lm_fichaLivro&id=1751
- SILVA, Sara Reis da (s/d, b). *A Contar Estrelas com Teresa Guedes*. In http://195.23.38.178/casadaleitura/portalbeta/bo/documentos/vo_teresaguedes_a.pdf



UAU! A POESIA CONCRETA PORTUGUESA PARA A INFÂNCIA E JUVENTUDE

LEMOS, GOSTAMOS E...



O TIGRE QUE VEIO PARA O CHÁ

Com *O Tigre que veio para o Chá*, numa tradução belíssima de Carla Maia de Almeida

(depois de uma edição da *Kalandraca*), a 20|20 Editora continua a editar (depois da coleção **MOG**) os livros de Judith Kerr, uma das autoras mais admiradas e populares do Reino Unido. Publicado pela primeira vez em 1968, *O Tigre que veio para o Chá* tornou-se num clássico com 10 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo.

Judith Kerr, judia alemã, vítima do regime nazi, que obteve a nacionalidade britânica no Reino Unido e aí concluiu os seus estudos de Arte, confessa que concebeu este livro depois de ter levado a sua filha ao jardim zoológico e de lhe ter mostrado e contado, inúmeras vezes, a história deste felino esfomeado. Após a surpresa inicial, – pois é um tigre, e não uma pessoa quem aparece e toca à campainha da casa de Sofia e da sua mãe, – eis que estas se veem transformadas em amáveis e hospitaleiras anfitriãs, à medida que o seu invulgar convidado vai devorando o chá, toda a despensa e até a água dos canos.

Sendo uma história surrealista, o texto destaca-se pela estrutura dialogada, pelo esquema repetitivo e pela enumeração dos alimentos que o tigre vai ingerindo como bem lhe apetece. As ilustrações, de estilo clássico e figurativo, destacam as cenas familiares e domésticas, resultando numa simbiose perfeita entre o texto e a ilustração. Resta desejar que a adaptação que está a ser feita pela *Lupus Films* não quebre esta indissociabilidade.

Judith Kerr (2018).
O Tigre Que Veio para o Chá (Trad. Carla Maia de Almeida).
Lisboa: Booksmile.



PÁSSARO QUE VOA

Este livro, do argentino Cláudio Hochman, com ilustrações de Carlota Madeira Lopes, é a prova

de que não há temas *tabus* na LIJ.

Neste livro são contadas, quase sempre na primeira pessoa, 50 histórias que vivem entre a realidade e a ficção e se reportam a dois movimentos humanos que o fenómeno das migrações suscita: os desencontros, contados na primeira parte, em 26 relatos, e os encontros, na segunda parte, em 24 relatos, sendo que os narradores, de proveniências distintas, partilham com o leitor as emoções de uma e outra atitude.

O tom é coloquial, a linguagem simples e acessível, o discurso linear, mas há neste algo de dramático, no sentido cinematográfico do termo, uma vez que as personagens apresentam-se, relacionam-se, entreluzam-se e contam com brevidade a sua história de vida, a modo de testemunho, o que confere ao livro um carácter documental e testemunhal.

No texto conclusivo, o narrador explica a metáfora que dá título ao livro: “os emigrantes sonham que voam. É uma maneira de poderem regressar à sua terra sempre que quiserem.” Ler este livro com atenção, inteirar-se desta situação humana, compreendendo como a vida é frágil e transitória, pode ser uma das mensagens deste livro para os adolescentes e os jovens se emocionarem.

Em articulação com o texto e o conteúdo está a fragilidade técnica e concetual das ilustrações que, na sua simplicidade infantil, remetem-nos para um estilo figurativo próximo do que seria o de muitas crianças migrantes.

Claudio Hochman & Carlota Madeira Lopes (2018).
Pássaro que Voa - 50 Histórias de vidas migrantes.
Lisboa: Livros Horizonte.

RECOMENDAMOS.



O REGRESSO DA BALEIA

Quem tem acompanhado o trabalho de Benji Davies, que a *Orfeu Negro* nos tem dado a conhecer desde o livro *A Baleia*, de 2016, passando pela *Ilha do Avô*, de 2017, e terminando agora em *O regresso da Baleia* (2018), ficará feliz pelo regresso das personagens a que certamente se afeiçoou.

Benji Davies, que assina o texto e as ilustrações, numa belíssima conjugação criativa, retoma os livros anteriores para nos oferecer mais uma história sobre ternura e coragem, e sobre a amizade improvável entre um menino, Noé, e uma baleia.

O menino Noé vive com o pai à beira-mar. No verão, salvaram uma baleia que tinha dado à costa. Agora que chegou o Inverno é Noé que precisa da ajuda da baleia, porque o barco do pai, saído para o mar, tarda em regressar. Na tentativa de encontrar o pai, no mar gelado, Noé conta com a ajuda preciosa da baleia, salva no verão e que o menino julgara perdida. Ajuda preciosa!

As ilustrações sugerem a presença de outro tempo (atmosférico e afetivo), oferecem a representação da vida dos homens e mulheres do mar e contêm a quantidade certa de detalhes; o texto, descritivo, apresenta um enredo simples que se desdobra graciosamente, sem sobressaltos, tendo como cenário o litoral, desta vez no inverno, enxertando-se, assim, na história anterior e no curso de vida e de convívio e amizade entre Noé, o pai, o avô, o mar e (no regresso de) uma baleia.

Um livro que guarda e propõe (aos olhos e ao coração) uma história de amizade, que nos desarma, pela simplicidade e pela beleza.

Benji Davies (2018).
O Regresso da Baleia (Trad. Rui Lopes).
Lisboa: Orfeu Negro.



BEATRIZ, A ÁRVORE FELIZ

Em *Beatriz, a árvore feliz*, Carmen Zita Ferreira apresenta-nos uma fabulosa e

misteriosa alegoria da vida. Com efeito, narra-se a história de uma bolota que se soltou do ramo onde tinha nascido, para que, caindo na terra, pudesse crescer. Mas não foi o que aconteceu. Beatriz caiu entre a berma da estrada e o começo da terra negra. Foi preciso chover muito para que fosse arrastada até um pequeno pedaço de terra. Foi preciso que, daí, uma família a levasse para casa e a plantasse num vaso da varanda. Foi preciso que, na altura em que as raízes se tornaram grandes demais para o vaso em que vivia, fosse conduzida até um terreno onde apenas viviam alguns arbustos e pinheiros adultos e, mesmo aí, tivesse de suportar uma violenta tempestade. Só depois de tantas tribulações e resistência, Beatriz continuou a crescer, tornando-se numa forte e preciosa árvore.

A intensidade da metáfora e a evidência da personificação, ampliada pelo nome próprio (Beatriz) e pelo adjetivo (feliz), permite ao leitor, tenha ele a idade que tiver, perceber que se encontra diante duma história de vida, que de algum modo inclui a sua própria vida. E esta é, de facto, a magia e a grandeza da literatura para a infância: abordar temas centrais da vida humana com a simplicidade e a profundidade que as metáforas possibilitam.

As ilustrações de Helder Barbosa, pela insistência no cinzento e no lilás, num jogo entre sombra e cor, conferem à narrativa uma dinâmica própria que ilumina o texto, transfigura-o e acrescenta-lhe possíveis e novos significados.

Carmen Zita Ferreira & Helder Barbosa (2017).
Beatriz, a árvore feliz.
Porto: Trinta Por Uma Linha.

APROVEITA E EXPLORA



DICAS DE ESCRITA

Como nascem as personagens?

As histórias não nascem do “nada”. Elas partem sempre de uma ideia. Ideia que também não surge por acaso. Há sempre algum acontecimento que presenciámos, alguém que conhecemos, um objeto que nos chamou a atenção, um texto que lemos e, de repente... *clic!*, a ideia nasce, a história desenha-se...

Assim, umas vezes é o enredo, a ação da história que nos aparece primeiro e, seguidamente, pensamos nas personagens adequadas para desenvolvê-la; outras vezes, são as personagens que se desenhavam na nossa mente e nos levam a procurar uma história que seja coerente com o seu retrato, isto é, que se ajuste às suas características físicas e também aos gostos, sentimentos e comportamentos que imaginámos para elas.



Desta vez, propomos-te que escrevas uma história, começando por criar as personagens. Para isso, pedimos-te que pegues não só no papel e no lápis (sim, no lápis, porque quem escreve apaga e voltar a escrever muitas vezes...) mas também nos teus lápis de cor.

Vais começar por dar vida às tuas personagens, passando para o papel, a traço e a cor, as figuras que se vão “desenhando” na tua cabeça.



Para fazeres o que te pedimos, pegaste nos lápis, já sabemos. Também sabemos que as palavras ajudam: uma ideia torna-se muito mais clara quando conseguimos “colar-lhe” a palavra exata. Por isso, ao mesmo tempo que desenhavas, podes ir consultando, ou acrescentando, um quadro que organizámos para te ajudar e colocámos ao lado das molduras onde vais desenhar as personagens da tua história.

Mas, antes de começares, queremos ainda lembrar-te o seguinte:

1. As características físicas e as características psicológicas das personagens não são completamente separáveis. Não te esqueças de que parecemos aquilo que somos, quer dizer, a nossa maneira de ser, de pensar, de sentir, reflete-se no nosso rosto, no olhar, no sorriso, na forma de vestir ou de pentear... “Os olhos são o espelho da alma” e o sorriso é uma das nossas melhores formas de comunicação.

2. Também os animais ou os objetos podem ser personagens das histórias, desde que atuem, contribuindo, assim, para o desenvolvimento da ação.

Há um pequeno “truque” literário que consiste em dar aos animais ou aos objetos características humanas, isto é, nas histórias eles passam a sentir, a pensar e a comportar-se como se fossem pessoas. As fábulas – “*No tempo em que os animais falavam...*” – são um bom exemplo deste recurso expressivo¹, que poderás, também tu, aplicar nas histórias que escreveres. Que tal imaginares um ouriço discutindo com o teu gato a posse da almofada no cadeirão da varanda? Procura, então, criar personagens variadas e, até, inesperadas.

¹A este recurso expressivo chama-se **personificação**.

E agora, sim, mãos à obra!

As molduras que desenhámos estão prontas para receber os retratos das tuas personagens.

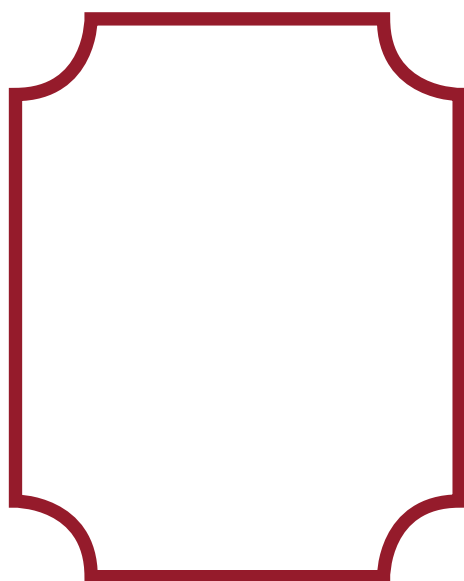
Mas, atenção:

1. Podes sempre aumentar o número de personagens, desenhando mais molduras.
2. Se preferires desenhar retratos de maior dimensão, utiliza folhas em branco, uma para cada personagem.

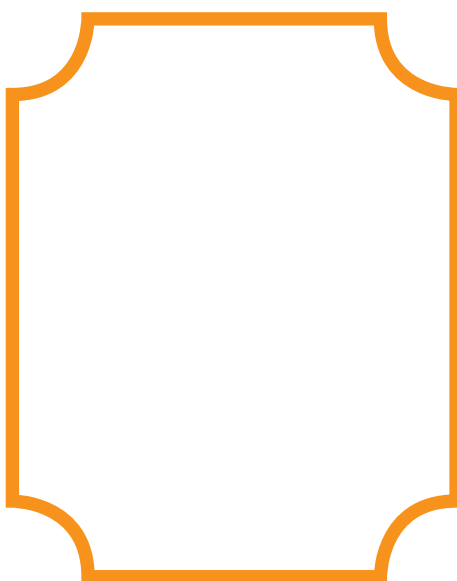
Nomes	Adjetivos
estatura / porte	alto, baixo, médio, elegante, atarracado, rechonchudo, anafado, musculoso, magricela, trinca-espinhas, _____, _____
cara	redonda, oval, risonha, afilada, carrancuda, bolachuda, _____, _____
olhos	redondos, amendoados, brilhantes, risonhos, mortícios, _____, _____
nariz	comprido, minúsculo, afilado, arrebitado, aquilino, batatado, _____, _____
lábios	finos, grossos, desenhados, carnudos, vermelhos, descorados, _____, _____
orelhas	grandes, minúsculas, redondas, afastadas, pontudas, _____, _____
cabelo	comprido, curto, solto, apanhado, liso, ondulado, encaracolado, anelado, espetado, eriçado, _____, _____

Nota:

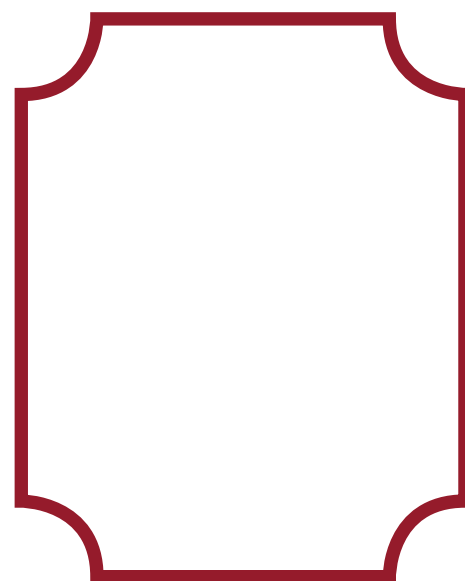
Começa por pensar em palavras usuais, até vulgares, e, seguidamente, procura substituí-las por outras inesperadas, mais sugestivas, mais “criativas”.



Nome: _____



Nome: _____



Nome: _____

É o momento de passares do desenho à escrita: vais, então, fazer o retrato das tuas personagens, mas usando palavras em vez de traço e cor. Quer isto dizer que terás de descrever as suas **características físicas** – que desenhaste –, mas também as suas **características psicológicas** – maneira de ser, gostos, qualidades, manias... –, que certamente foste imaginando à medida que ias desenhando.

Entretanto, convém lembrar:

1. O nosso comportamento é sempre motivado pela nossa maneira de ser, pelos nossos gostos, pela nossa maneira de entendermos o mundo. Já imaginaste um praticante de surf com medo do mar? Ou uma bailarina que prefira tardes no sofá aos espetáculos no palco? Impossível! Deverás, por isso, criar personagens coerentes.
2. Todos nós temos uma característica mais marcante que faz de nós aquilo que somos e que nos torna diferentes de todos os outros. Há quem se destaque por fazer mil piruetas com um *skate* e quem prefira investigar tudo sobre dinossauros; quem tenha medo de insetos ou quem faça criação de bichos-da-seda... Assim devem ser as tuas personagens: “normais”, mas únicas.

E o herói da história, quem será?

Como já debes ter notado, nem todas as personagens têm a mesma importância. Há sempre uma delas – o protagonista da história –, que se evidencia, porque tem características diferentes e únicas, que a levam a tornar-se o centro da ação: toda a história se desenvolve à volta dela. É a **personagem principal**. Com ela contracenam as **personagens secundárias**, desempenhando papéis menos importantes e, assim, contribuindo para que aquela se destaque.

Depois de teres caracterizado as tuas personagens, chegou então o momento de decidir qual delas será a principal. É claro que, nesta altura, estarás já a pensar na ação, pois só assim poderás saber qual o papel que lhe irás atribuir. Mas é assim: as ideias vão surgindo como as cerejas, umas puxam as outras. Personagens e ação, a partir de certa altura, tornam-se inseparáveis.

Faz, então o teu registo:

Personagens:  **Principal:** _____
Secundária(s): _____



Ilustrações de Cátia Vidinhas,
in *História da Formiga e da Cigarra que não
foi na Cantiga*, de Maria da Conceição Vicente



Quem conta a história?

Como já sabes, há em todas as histórias um elemento fundamental a quem cabe o papel de contar a história: o **narrador**. Antes de começares a escrever, terás de tomar uma decisão importante:

– O narrador é uma das personagens da história, por isso, além de contar, ele também intervém no desenvolvimento da ação (**narrador presente** ou **participante**).

ou

– O narrador está “fora da história”, limitando-se a narrar os acontecimentos que conhece ou que presenciou (**narrador ausente** ou **não participante**).

No primeiro caso, terás de contar a história na 1.^a pessoa (*eu... nós... meu... me...*); no segundo caso, terás de escrever na 3.^a pessoa (*ele/eles... ela/elas...*).

Já sabes que, para que o teu texto seja “criativo”, terás de considerar:

O que dizer – embora as personagens sejam “seres de papel”, elas deverão ser:

- coerentes.
- singulares, isto é, embora próximas da normalidade, como qualquer pessoa, deverão apresentar características que as tornem diferentes e, por isso, atraentes. E mesmo que sejam seres fantásticos, nunca poderão “descolar” totalmente da realidade.

Como dizer – começa por fazer o retrato das tuas personagens recorrendo a vocabulário simples e objetivo e, seguidamente, faz o melhoramento de texto, procurando substituir por palavras e expressões mais sugestivas, recorrendo a comparações ou “maneiras de dizer” menos vulgares ou mais expressivas.

Diverte-te!

APROVEITA E EXPLORA
DICAS DE ESCRITA *Como nascem as personagens?*

A PALAVRA É TUA!

Pequenos grandes escritores

Nesta rubrica, damos vez e voz aos pequenos grandes escritores.

I. PASSATEMPO "A CASA DO JOÃO"

Para este n.º 3, o desafio, a partir da leitura do livro *A Casa João*, era o de escrever um Conto Breve ou um Poema sobre algum dos personagens que aparecem no livro.

Não houve concorrentes na modalidade de Conto e o vencedor na modalidade de Poesia foi o seguinte:

A BRUXA MAFALDA

Vai a bruxa a voar
Vai amaldiçoar
Os sonhos d'encantar

Vai assaltar
As casas da criançada
Pobre criança amaldiçoada

Essa noite então
Passou pela casa do João
(Que estava a comer pão)

Mas só apareceu realmente
Meia noite já passada
Sombra na calada

Mas não consegue impedir
Feroz Migalha a dormir
De a cheirar e ouvir

Vai o Migalha a correr
Vai morder
A bruxa de grande poder

E a impede de amaldiçoar
Os sonhos d'encantar
Das criancinhas da casinha

Aparece o paizinho a correr
Dominante de feitiços
E com a beterraba na cara da bruxa vai bater

Diogo Alexandre da Silva Bernardino
6º B - EB 2/3 Sophia de Mello Breyner (Arcozelo)
Agrupamento de Escolas Sophia de Mello Breyner





II. CONCURSO DE POESIA – VERSOS ENTRELAÇADOS

Com o intuito de fomentar o gosto pela poesia, a Câmara Municipal de Vidigueira, o Agrupamento de Escolas de Vidigueira e a Escola Profissional Fialho de Almeida, no âmbito da Comemoração do Dia Mundial da Poesia, instituiu o *Concurso de Poesia – Versos Entrelaçados*, de que João Manuel Ribeiro foi patrono.

No âmbito desta parceria, publicamos os textos vencedores de cada escalão (com pena por não poder publicar os 2.º e 3.º prémios de cada escalão). Parabéns ao vencedores e ao Município por tão excelente iniciativa!

1º ESCALÃO (3.º e 4.º anos) **SER LIVRE!**

Ser livre é respirar o ar da natureza.
Ver as cores à nossa vontade,
sentir o vento nas costas.

Ser livre é não ir atrás
dos outros.
É imaginar por nós,
pensar por nós.

Ser livre é brincar à nossa vontade,
ter criatividade.
Ser por nós!
Sou livre!

Ser livre é sentir!
Sentir a inspiração e escrever
à nossa vontade!
Nós somos livres!

Maria Raposo Tasanis

2º ESCALÃO (5.º e 6.º anos) **LIBERDADE**

Eu não sei o que é
não ter liberdade
com a minha idade.

Não reconheço palavras
como escravo, imperador,
fascista ou ditador.

Fazer aquilo que eu quiser
é ter liberdade
mas com responsabilidade.

Ser livre é poder escolher.
É poder ser!

Afonso Póvoa

3º ESCALÃO (7.º, 8.º e 9.º anos) **A LIBERDADE E O LIMOEIRO**

Eu quero ser livre
– dizia um dia um limoeiro
Mas livre de quê?
– perguntava o pomar inteiro.

Livre de aqui estar
preso o dia todo
sem poder correr ou saltar
como as crianças no recreio
ou como a rã chapinha no lodo.

A dúvida salpicou as árvores
e ninguém nele acreditou.

O que os outros não sabiam
é que a liberdade nascera
e com o sol de primavera
também ela florescera.

Joana Roberto

4º ESCALÃO (Secundário) **ASAS INTRÍNSECAS**

Asas nossas até à morte. Aquelas que nos permitem voar pelo amor, pela religião, por ideias, pela expressão individual. Voar pelo sonho e pelo querer. Permitem voar pela vida, é através delas que a comandamos. Moribundo aquele que as corta a outro alguém! Insano aquele que se julga nesse direito! Grito pela atribuição plena destas asas, hoje com uma caneta meio gasta, amanhã com a voz já rouca e pesada. Apelo a voos à altura certa, a voos cautelosos. Ilegítimo é pôr em risco a viagem de quem no mesmo céu voa. Asas que são o nosso bem intrínseco. Asas que são liberdade.

Ana Rita Leirão Fialho



PARTICIPA NISTO!

para
escolas

*Envia-nos os teus poemas ou contos
e ganha livros!*

Se gostas de escrever
e frequentas o Ensino Básico ou Secundário,
envia-nos um texto teu
para o publicarmos aqui,
em *A Casa do João*.

Pode ser um relato breve (um conto)
ou um poema.

De entre todos os textos recebidos
publicaremos os melhores...

Participar é muito simples:
Basta enviar o texto para
acasadojoao2017@gmail.com

Juntamente com o texto tens de enviar
uma pequena biografia
com três ou quatro linhas,
e (se quiseres) uma fotografia atual.

Regras de participação:

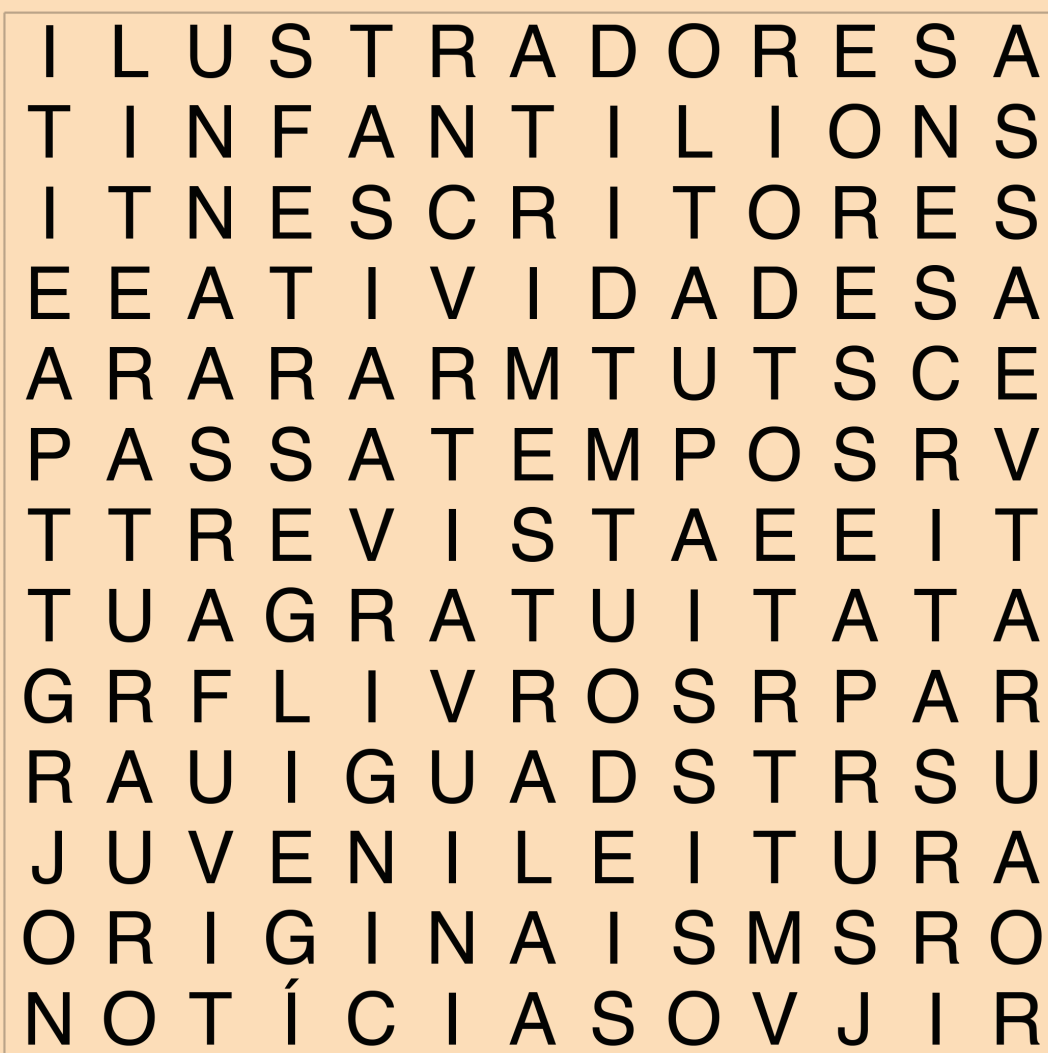
1. Os textos (conto ou poema) têm de ser individuais (não de grupo).
2. Os trabalhos devem ser enviados para acasadojoao2017@gmail.com
- até ao dia 20 de maio de 2018
3. O envio dos trabalhos pressupõe a autorização de publicação dos mesmos na revista.
4. Os vencedores só serão conhecidos aquando da publicação do número seguinte da revista.
5. Os prémios a atribuir aos vencedores são livros.

PARTICIPA!

PARA BRINCALHARES

SOPA DE LETRAS

A CASA DO JOÃO



REVISTA
GRATUITA
TRIMESTRAL
LITERATURA
INFANTIL

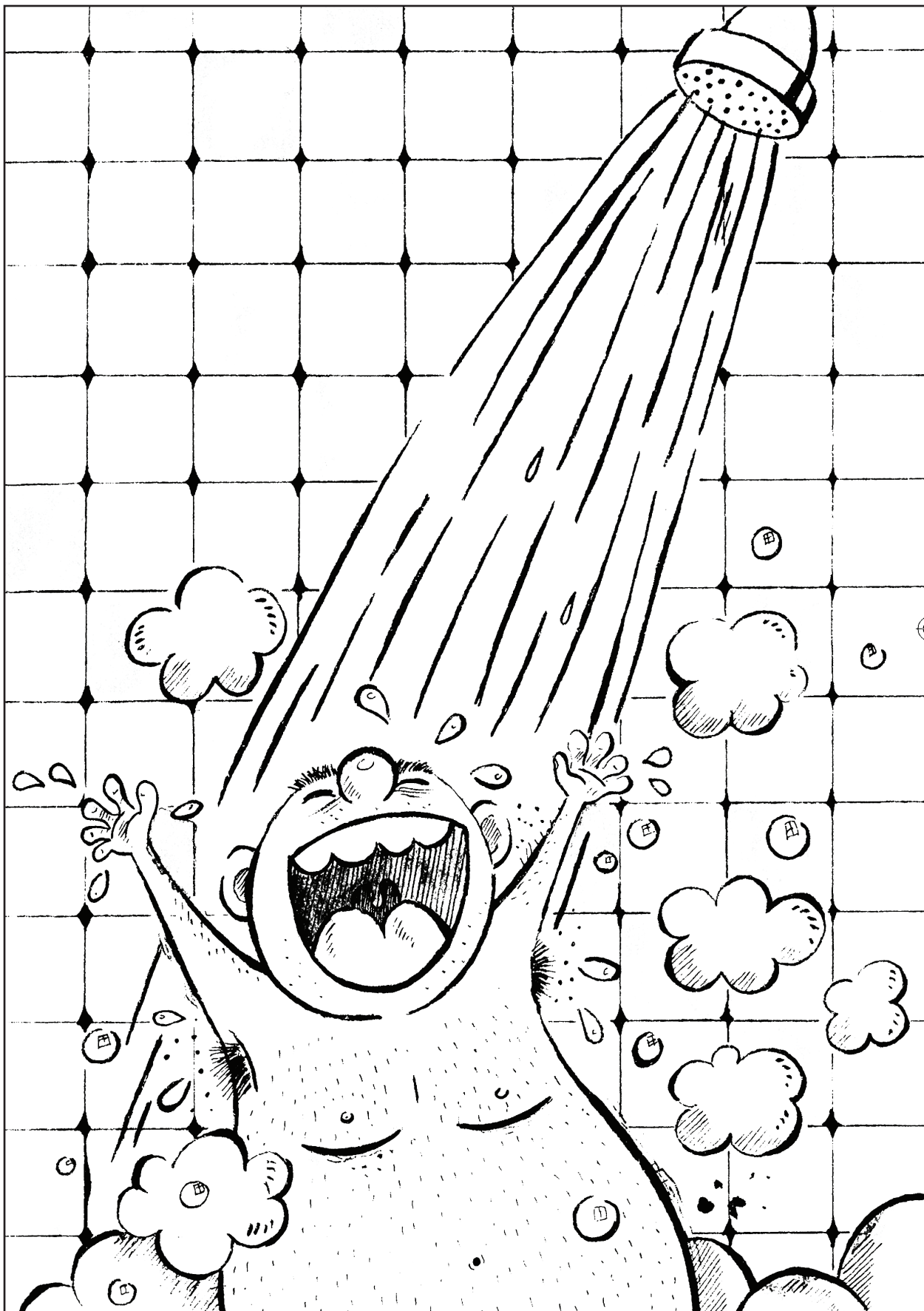
JUVENIL
LIVROS
LEITURA
ESCRITA
ESCRITORES

ILUSTRADORES
PASSATEMPOS
NOTÍCIAS
ORIGINAIS
ATIVIDADES

PARA PINTARES...



PARA BRINCALHARES



Desenhos de Fedra Santos
Das ilustrações do livro 365 Adivinhas sem espinhas, 2015

EXTRA!

EXTRA!

RÁDIO SIM



TSF



RÁDIO ALTO MINHO



BIBLIOTECA MONDIN DE BASTO



RÁDIO CLUBE PENAFIEL



NEGOZIO



EXTRA!

EXTRA!

SAIU NA IMPRENSA

GALIZA



RTP3



E - CULTURA



INFOCUL.PT



PÚBLICO



AS ARTES ENTRE AS LETRAS



TAMEGA JORNAL



ESCRITORES.ONLINE



TERTÚLIAS NA VELHOTES

A próxima tertúlia do Ciclo “10 de Letra”, com a curadoria do João Manuel Ribeiro, é no dia 21 de abril de 2018 (sábado), a partir das 15h30. O mote é *Poesia experimental, uma literatura outra?* com o poeta Fernando Aguiar e com Rui Torres que estarão à conversa..

JORNADAS LITERÁRIAS

Depois do sucesso da edição do *10 de Letra*, no Porto, a próxima cidade a receber a iniciativa será Lisboa, a 19 de abril, entre as 17.30 e as 20 horas, no Auditório Maestro Frederico de Freitas, da Sociedade Portuguesa de Autores que é um dos parceiros do evento. A comunicação inaugural estará a cargo do renomado psicólogo Eduardo Sá. Na mesa para falar sobre Literatura e infância estarão Carlos Fiolhais, Luísa Ducla Soares, João Manuel Ribeiro e José Jorge Letria, com a moderação de Helena Gatinho, diretora da revista *Pais*.

O evento serve para assinalar de forma simbólica o culminar de um ano de celebração, com diversos acontecimentos e iniciativas. No Porto, o *10 de letra* foi a 28 de outubro e marcou o arranque de *A Casa do João*. Agora, em Lisboa, a efeméride servirá para o lançamento da antologia *Os direitos das crianças* e ainda para o lançamento, em breve, de uma nova plataforma digital de *lifestyle* e cultura, dirigida por João Manuel Ribeiro. Na antologia poética participam 18 poetas portugueses, galegos e brasileiros.

RTV – CANAL DE TV

RTV- vai estrear programa com João Manuel Ribeiro.

Laboratório de Letras: assim se chama o programa que marca a estreia do autor na televisão. Trata-se de um magazine de literatura para todos, com rubricas, dicas e ainda com espaço para entrevista e reportagem. O primeiro programa vai para o ar já em abril. **RTV - Canal 198 da NOS e canal 19 da CaboVisão.**

“NOTÍCIAS DO TÂMEGA”

Este jornal quinzenal de Amarante publica artigos de opinião de João Manuel Ribeiro. A inauguração deste espaço foi dedicada a Ilídio Sardoeira, ilustre amarantino! Por que não um Prémio Literário Ilídio Sardoeira, na área da Literatura Infantil e Juvenil? Vale a pena pensar nisto...Boas Leituras!

PARCERIA REVISTA PAIS

A revista *Pais*, recentemente chegada às bancas, vem substituir a antiga *Pais&Filhos*. Estima-se uma circulação mensal de 18 mil exemplares, com cobertura nacional, abrangendo mais de 4 mil pontos de venda e uma loja *online*. E *A Casa do João* está lá! Um bem-haja às parcerias felizes

PORTO EDITORA LANÇA 2 OBRAS DE JOÃO MANUEL RIBEIRO

Poemas para brincar e *Os animais que tive* assinalam a estreia de João Manuel Ribeiro na Porto Editora, uma das maiores editoras portuguesas, fundada no Porto, em 1944. Disponíveis nas livrarias desde março marcam a entrada do escritor para a coleção de *Autores Consagrados* da Porto Editora

EM BREVE

A editora *Acento Tónico* está prestes a fazer chegar ao mercado livros novos de autoria de João Manuel Ribeiro. A editora que conta com a longa experiência de Carlos Letra, da Gailivro, quer apostar no poeta e escritor português e tem previsto vários lançamentos nos próximos tempos.

Outras boas Notícias

FEIRA DO LIVRO DE LISBOA 2018

É a edição 88, decorrerá de 25 de maio a 13 de junho e João Manuel Ribeiro será um dos muitos autores a marcar presença no certame.

DAT'NEWS

Estará brevemente disponível uma plataforma de *lifestyle* e cultura! Pretende dar aos leitores um guia completo de sugestões na área da cultura, da gastronomia, da música, do cinema e da TV. Mas a **DATnews** quer também fornecer conselhos na área da saúde, da parentalidade e da leitura e educação. A obstetra Maria Manuel Sampaio do blogue *Aos Domingos no meu consultório*; a enfermeira Inês Moura, do blogue *Mimiandababies*; a ginecologista Mariana Vide Tavares e a pediatra Patrícia Mação vão assinar a rubrica *Saúde Infantil*. Ana Sereno e Miguel Homem da Casa Ganapati escrevem sobre *Yoga*. Ana Luísa Magalhães do *InBloom Image Consulting* apresenta dicas de *moda e tendências*. Mas haverá ainda espaço para as *Receitas D'Avó* e as *Dicas de Leitura*! Isto promete!



ACREDITAS NO AMOR AO PRIMEIRO SUSTO.

OU TENHO DE TE ASSUSTAR DUAS VEZES?



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

CCCI

Centro UNESCO de Amarante
Amarante UNESCO Center

ISSN 2184-1233



9 772184 123004 >